

*Revista EDUCA Amazônia: Educação Sociedade e Meio Ambiente, LAPESAM, GISREA/UFAM/CNPq-
EDUA-ISSN 1983-3423- Ano 2, Vol 2, Nº 2, Jul-Dez, 2009, Pág. 175-189.*

REFLEXÕES SOBRE A CIÊNCIA E SUA METODOLOGIA CIENTÍFICA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Gisele Cristina Resende Fernandes da Silva
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

RESUMO: O presente trabalho teórico visa refletir sobre a metodologia de pesquisa em psicologia e alguns pressupostos das abordagens utilizadas, bem como a postura do pesquisador. Concluiu-se com a revisão da literatura nesta área que a ciência é o conhecimento organizado da realidade por meio da metodologia científica e ela se constrói a partir das experiências do cotidiano. Quando a atividade de pesquisa é realizada com responsabilidade e cientificidade pode-se retomar a criatividade do conhecimento sem fragmentar o homem, o seu principal objeto de estudo. A utilização da metodologia científica deve ser elemento primordial e presente nos estudos, sempre pensada em sua epistemologia e não reduzida à técnicas, pois assim o conhecimento produzido e construído será a partir de reflexões e poderá contribuir para uma sociedade digna que proporcione oportunidades de desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Conhecimento. Ciência, Metodologia Científica em Psicologia. Epistemologia.

REFLECTIONS ABOUT SCIENCE AND ITS SCIENTIFIC METHODOLOGY IN THE CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE

ABSTRACT: This theoretical work aims to reflect on the research methodology in Psychology and some assumptions of the used approaches as well as the researcher behavior. Through a literature review, it concludes that, in this area, science is organized knowledge of reality through scientific methodology and it is built from everyday life experiences. When the research activity is conducted in a responsible and scientific way, we can resume scientific creativity of knowledge without fragmenting the man, its major object of study. The use of scientific methodology must be the key element in the studies and always thought in its epistemology and not reduced to the techniques, thus the produced knowledge will be built from reflections and may contribute to a decent society that provides opportunities for human development.

Keywords: Knowledge. Science. Scientific Methodology in Psychology, Epistemology.

* Psicóloga e Aluna mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Correio eletrônico: gcrfs@ig.com.br

I - Ciência e conhecimento

“Foi assim que se construiu a ciência: não pela prudência dos que marcham, mas pela ousadia dos que sonham.

Todo o conhecimento nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido em busca da terra sonhada.” (Rubem Alves)

O homem busca o conhecimento devido à necessidade de sobrevivência, de compreender a si mesmo e o mundo, essa busca se realiza a partir da realidade na qual está inserido. Ao longo da história ele construiu conhecimentos, instrumentos, tecnologias e teorias alcançando um avanço cognoscitivo em várias áreas do saber.

Esse conhecimento do mundo foi organizado e recebeu o nome de conhecimento científico, aquele que se insere na ciência, pois existem outras formas de conhecer o mundo, que foram classificadas como outras áreas: filosofia, religião e senso comum ou saber popular, que são úteis ao homem e que também contribuem para o saber científico, não podendo ser ignorados.

O conhecimento científico é construído através de uma atitude ordenada, que delimita os fatos a serem descobertos estabelecendo procedimentos metodológicos para observação, pesquisa sistemática e organizada de modo que o objeto de estudo seja investigado com veracidade, rigor, fidedignidade e cientificidade.

Entretanto, a cientificidade não pode ser reduzida somente a uma forma de conhecer, por isso há metodologias de pesquisa (qualitativa e quantitativa) que contém diversidades e maneiras de se realizar, seu potencial é grande, revelador e inovador. Através da atitude científica pode-se construir, descobrir e transformar a realidade na qual o ser humano se insere.

Ela é a atitude do pesquisador/cientista, a pessoa que busca o conhecimento, que é ator e fruto de seu próprio tempo, pois a ciência é histórica, cultural e social. Ela é intencional e não ingênua, isto é, o pesquisador possui concepções ideológicas e políticas da sociedade em que está inserido e a partir de si pode construir novas possibilidades de compreensão do mundo ou do objeto pesquisado através da aventura do conhecimento (MINAYO, 2008).

Nessa aventura pela ciência é necessária a utilização da metodologia científica que considera a epistemologia, os instrumentos operacionais e o pesquisador, uma vez que esses três aspectos são envolvidos na pesquisa para oferecer novos olhares ao fenômeno humano e assim construir teorias e conhecimentos: os novos saberes.

Ao realizar pesquisa é preciso que o pesquisador tenha consciência de sua responsabilidade ética e de sua criatividade, que tenha uma atitude reflexiva e comprometida com a sociedade em geral, e não apenas com os ideais científicos de seu projeto de pesquisa, pois a ciência se processa como uma articulação entre o lógico e o real, a teoria e a prática para significar os fenômenos e os acontecimentos (SEVERINO, 2000).

II – Construção do objeto e do Projeto de pesquisa

A construção do projeto de pesquisa é um momento exploratório, no qual é pensado o que se quer investigar: o objeto de pesquisa. Para a busca e construção do objeto de estudo é preciso de questionamentos feitos diante de observações do cotidiano no qual esse objeto de pesquisa se manifesta, é uma construção crítica, teórica e prática sobre o assunto a ser pesquisado.

O objeto de estudo deve ser definido de acordo com o interesse do pesquisador frente à problemática da atualidade, que é percebida ao realizarem-se observações do cotidiano, que é dinâmico e por isso precisa que o pesquisador o observe e tente uma aproximação inicial de seu objeto.

A aproximação inicial pode ser via observação sistemática, na qual o pesquisador vai a campo para verificar seu objeto (conhecê-lo enquanto fenômeno e verificar suas relações e conexões com a realidade) para contextualizá-lo num projeto de pesquisa. Um exemplo dessa atitude de aproximação é o pesquisador que vai até uma escola para observar seu funcionamento e a posteriori define seu objeto de estudo a partir de dados da realidade que lhe foi apresentada.

A seguir o pesquisador pode confrontar essas observações com seus interesses, ou seja, com sua demanda de pesquisa que é embasada em teorias. Isso requer um esforço prático na construção de informações críticas da experiência exploratória, através de uma imersão na teoria na qual se encontram coordenadas epistemológicas e antropológicas da discussão que se pretende através da problemática da pesquisa (MINAYO, 2008; SEVERINO, 2000).

Contudo, é fundamental que o pesquisador defina sua posição enquanto pesquisador, isto é, que saiba quais são seus interesses, sua visão filosófica de mundo e seu compromisso existencial, para escolher o seu objeto de estudo e sua postura frente

ao mesmo quando elabora um projeto de pesquisa, pois a atitude de pesquisador não pode ser ingênua, ela precisa de compromisso ético.

O projeto de pesquisa é a primeira etapa de sistematização do conhecimento acerca da realidade. É um documento que explicita as ações que serão desenvolvidas ao longo do processo de pesquisa. Geralmente os projetos de pesquisas acadêmicos, isto é, das universidades estão associados a um programa de mestrado ou doutorado e inserem-se em um grupo de pesquisa vinculado ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, um órgão brasileiro que financia pesquisas científicas) e por isso precisam estar bem elaborados.

Um projeto de pesquisa bem elaborado desempenha a função de planejar o caminho que será trilhado pelo pesquisador explicitando os momentos, as estratégias de investigação de campo, as técnicas que serão utilizadas para a obtenção de dados e os referenciais teóricos, epistemológicos e metodológicos que nortearão a análise dos dados e a reflexão para a construção do conhecimento (SEVERINO, 2000).

Primeiramente deve-se identificar o problema ou o fenômeno que será estudado (a problemática contextualizada com a realidade na qual se manifesta e a repercussão da mesma na sociedade). É recomendado que se elabore uma justificativa social e científica para esse estudo, ou seja, que se escreva a relevância da pesquisa no âmbito social e científico, porque reflete a consciência social do pesquisador e do grupo de pesquisa do qual ele faz parte.

A definição do objeto de estudo na problemática pesquisada é o segundo momento do projeto de pesquisa que pode ser redigido através de uma pergunta de pesquisa na qual fique claro a proposta investigativa. O objeto de estudo precisa ser compreendido nas dimensões históricas, culturais e sociais, pois não é um “ente” isolado e precisa ser correlacionado ao contexto no qual o estudo será realizado.

Os objetivos desse estudo em sentido geral e específico refletem o que se pretende com a pesquisa em aspectos genéricos e concernentes ao problema de pesquisa e em aspectos mais especificados, ou seja, os desdobramentos que se pretende realizar porque a pesquisa científica tem a pretensão de compreender a realidade e o fenômeno estudado.

O referencial teórico que embasará o estudo são as teorias e autores com os quais irá estabelecer um diálogo conceitual e reflexivo, correlacionando a teoria existente e os resultados de pesquisas anteriores com o objeto de estudo, através desse diálogo é que o conhecimento é inovado através dos tempos.

A metodologia que será adotada no projeto de pesquisa (correlacionada com a teoria e com os objetivos) precisa ser explicitada, pois por ela é que aponta a abordagem que será adotada: qualitativa ou quantitativa e as possibilidades de delineamentos metodológicos a partir dessas abordagens.

A escolha de técnicas para coleta de dados (questionários, entrevistas, estudo de caso, histórias de vida, sessões psicoterápicas individuais ou em grupo entre outros) é essencial para que a pesquisa tenha coerência e para que consiga coletar os dados pretendidos e assim atingir seus objetivos. A interpretação dos dados (de acordo com a abordagem teórica e metodológica) é o momento do projeto em que o pesquisador poderá planejar sua atuação para o tratamento das informações obtidas e posteriormente analisar e elaborar as conclusões e considerações finais (a compreensão do fenômeno estudado na ótica do pesquisador e do arcabouço teórico utilizado). É necessário também que se identifiquem nas referências as várias fontes de pesquisa utilizadas na elaboração do projeto (bibliográficas, documentais e outras) e se houver acrescentar documentos, roteiros de entrevistas ou questionários nos anexos.

Esses aspectos do projeto de pesquisa são fundamentais para nortear o pesquisador e para que este saiba definir sua posição enquanto observador e constituir o lugar do observado. Ressalta-se que as reflexões concernentes a pesquisa devem ser constantes para que o projeto atenda a demanda do observador e do observado e adquira relevância social e científica.

III – O lugar do observador e do observado na prática de pesquisas

Para o pesquisador é primordial que saiba definir seu local, isto é, o local epistemológico, metodológico e prático do observador, que demonstrará as opções filosóficas, éticas e existenciais que ele assume em sua práxis de pesquisa.

Ao elaborar o projeto de pesquisa iniciam-se os contatos com as instituições e locais nos quais a pesquisa será desenvolvida a partir dos objetivos do projeto (gerais e específicos) e nesse momento começam as negociações entre os interessados na pesquisa. A cautela e respeito ao outro são essenciais, pois toda pesquisa realizada precisa respeitar a dignidade do participante e ser coerente com a instituição, que inclui o sigilo e o respeito, para isto o diálogo aberto entre pesquisador e pesquisado é fundamental. Da parte do pesquisador é primordial que haja interesse e motivação para a investigação e o mesmo assumirá uma postura flexível frente ao objeto de estudo, que

é uma pessoa. Essa postura requer ética e capacidade de negociar, pois a pesquisa é um processo de construção de conhecimentos sobre a realidade que contém movimento e constantes negociações.

Por isso a dialogicidade, como propõe Paulo Freire (1996) é a experiência de abertura ao outro que se confirma na relação ética. Essa relação propicia uma abertura ao mundo através da busca de respostas e de indagações, numa postura ativa que não aceita as determinações políticas, ideológicas e científicas.

A dialogicidade é elemento primordial nas relações entre pesquisador e pesquisado porque propicia uma comunicação ativa e interativa que favorece as negociações contemplando também as instituições em que, muitas vezes, as pesquisas são realizadas e que assumem o modelo de instituição total (proposto por Goffman) e que cristalizam os conhecimentos, as relações e os sujeitos envolvidos em seu contexto. Instituições que “coisificam” as pessoas, que solidificam as interações e valorizam o poder.

Assim o pesquisador precisa ter um olhar diferenciado para não ser submetido a ideologia do poder e da dominação, e, as instituições merecem o comprometimento do pesquisador, mas um comprometimento consciente, ético e que não seja unilateral, isto é, que o pesquisador se posicione somente a favor da instituição, e tampouco que coloque sua pesquisa a serviço da manutenção de processos de controle e domínio de pessoas e corrobore para processos de opressão. Sua postura deve ser esclarecida desde o início e os papéis definidos sem rigidez e controle, pois as práticas de pesquisa em instituições requerem a flexibilidade, a seriedade e a dialogicidade.

Esse processo de análise crítica de seu papel enquanto pesquisador é fundamental para a construção de uma ciência que abranja a complexidade humana e social, comprometida com a realidade e não a serviço das elites sócio-econômicas e intelectuais. A reflexão e a crítica contribuem para a construção de uma sociedade digna que proporcione oportunidades de desenvolvimento humano.

Posterior a elaboração do projeto de pesquisa e a reflexão crítica da atitude do pesquisador e das implicações de sua pesquisa, pode-se iniciar as observações de campo. Entretanto é necessário estabelecer a abordagem metodológica que será utilizada: a qualitativa ou a quantitativa, abordagens que traduzirão a postura do observador frente ao objeto de estudo (TURATO, 2003).

Há fenômeno que pode ser entendido através da abordagem quantitativa, aquela que utiliza de métodos e técnicas mais objetivos desde a seleção da amostra até a análise

dos resultados e outros pela abordagem quantitativa, pois a utilização de uma delas depende das características do objeto de estudo e dos objetivos da pesquisa.

Não existe uma estratégia de pesquisa boa ou ruim em si mesma, mas que seu valor depende da adequação entre o problema a ser estudado e a forma de abordá-lo no projeto de pesquisa. Os objetivos colocados nos estudos são o ‘fio condutor’ do raciocínio do pesquisador para posteriormente a escolha do método: qualitativo ou quantitativo (MINAYO, 2008).

A abordagem quantitativa enfatiza os fenômenos que podem ser quantificados e mensurados e a interpretação destes se dá pela linguagem matemática, que irá quantificar classificar e calcular os resultados obtidos. Essa abordagem é relevante em pesquisas de levantamento de dados e que classifiquem os fenômenos que podem ser mensurados e compreendidos nesse sistema de análise que privilegie a correlação causal.

A abordagem qualitativa se preocupa com a compreensão do fenômeno referente ao seu caráter qualitativo, isto é, descritivo e explicativo para entender os processos envolvidos na construção do conhecimento e não estabelecem relações de causalidade, buscam os significados e sentidos dos fenômenos estudados. Ela apresenta um critério de validade e cientificidade que é pensado como regulador da abstração ao tentar enxergar os fenômenos e compreendê-los em diversas perspectivas (TURATO, 2003).

As relações que se constituem na pesquisa também colaboram na posição na qual o observador e o observado se colocam. Essas relações são estabelecidas no início da pesquisa e necessitam ser pensadas durante todo o processo, pois a subjetividade é um elemento subjacente a eles e é integrante do ser humano.

Essa construção das relações pode também ser chamada como a construção do sujeito, que ocorre na dinamicidade dos fenômenos psíquicos e dos diálogos ao longo do processo. Por isso pensar o sujeito da pesquisa como uma pessoa ativa e respeitá-la em sua subjetividade, sem tratá-la como um objeto que fornecerá informações. Essa postura reflete uma ação ética, com respeito à dignidade humana e favorecerá o clima da pesquisa comunicativo e dialógico (GONZÁLEZ REY, 2002).

O processo comunicativo e dialógico privilegia e respeita o ser humano envolvido na pesquisa, contribui para a compreensão das subjetividades e para o estabelecimento de uma relação de confiança no qual observador e observado sejam parceiros na construção da pesquisa.

IV – Observações de campo

Após o estabelecimento do local do observador e do observado por meio da comunicação e das negociações inicia-se a fase exploratória do campo para posterior coleta de material e análise dos dados.

A fase exploratória pode ser compreendida como aquela em que os instrumentos são pensados de acordo com as negociações que foram realizadas com a instituição e com o sujeito da pesquisa, bem como a definição da amostra para a inserção no campo da pesquisa.

A amostra é um fragmento que demonstra a qualidade e as propriedades da população estudada, ela é usada nas pesquisas qualitativas e quantitativas. Pode ser de vários tamanhos, isto é, grandes ou pequenas de acordo com o problema estudado e os objetivos do projeto de pesquisa (TURATO, 2003; MINAYO, 2005).

A amostra em pesquisas quantitativas pode ser definida de acordo com uma padronização estatística, que enfatizará principalmente a quantidade de sujeitos que representam a população estudada, é chamada de amostra randômica ou estatisticamente representativa ou causal, pois são pessoas de um grupo selecionado sem a inferência de predileção do investigador, mas de acordo com o problema e tema estudado. Geralmente nessa pesquisa o material para coletar os dados são escalas e questionários fechados que são classificados como instrumentos objetivos, isto é, instrumentos nos quais o sujeito pesquisado responde as perguntas feitas pelo pesquisador sem liberdade de explicar suas respostas, eles são vantajosos em estudos com uma amostra numerosa porque são fáceis de serem aplicados e sua análise pode ser objetiva e quantitativa, utilizando-se da estatística como uma ferramenta de análise e compreensão dos dados.

Na abordagem quantitativa a análise de dados é norteadada por um referencial teórico e por análises matemáticas, dentre as quais a estatística é a mais utilizada. O pesquisador compreende a realidade através da quantificação do fenômeno a partir das respostas apontadas nos instrumentos de coleta de dados. É uma abordagem que contribui para o levantamento de questões e entendimento num grande universo de sujeitos e consegue demonstrar a realidade porque parte da representatividade da população.

Na pesquisa qualitativa a amostra é definida de acordo com os objetivos da pesquisa e a quantidade de sujeitos não é relevante como na outra abordagem, mas se

estes sujeitos podem fornecer dados qualitativos sobre o fenômeno para que se obtenha sua compreensão. Essa amostra pode ser definida até no campo, ou seja, a posteriore, pois é nesse momento em que o pesquisador tem contato com os sujeitos que fornecerão os dados.

Nas diversas modalidades de pesquisa qualitativa (clínica, pesquisa ação, pesquisa participante, entre outras) outro aspecto principal é que o pesquisador saiba o que deseja para assim utilizar os instrumentos como a entrevista, o estudo de caso, a história de vida, as sessões ou encontros grupais. Novamente a dimensão dialógica, que consiste na comunicação aberta, respeitosa e ampla é primordial (em que ambas as pessoas envolvidas escutam, falam e se compreendem).

Há de acordo com Turato (2003) múltiplas concepções de sujeito na pesquisa: sujeito, indivíduo, entrevistado, paciente, informante e ator social, entretanto o primordial é que o pesquisador tenha conhecimento sobre “quem fala” (de acordo com seu referencial teórico e metodológico) e defina o melhor termo a ser usado.

A análise dos resultados (dados) em pesquisas passa pela subjetividade do pesquisador, porém este pode diferenciar as etapas de análise, isto é, primeiramente a análise do material colhido de acordo com a metodologia proposta, em segundo lugar a discussão do material e as reflexões correlacionando com a teoria e em terceiro as implicações para o pesquisador, que não é neutro, pois a neutralidade científica é um “mito” que foi criado pelas sociedades.

Essa fase de análise, ou seja, as implicações da pesquisa para o pesquisador corroboram para a compreensão mais ampla do objeto de estudo (fenômeno), pois ele não é um fato que ocorreu isoladamente, mas na relação com o pesquisador ao longo do trabalho. Assim as notas de campo (as experiências, sentimentos e a subjetividade que foi construída) são essenciais para a ampliação da compreensão, e as respectivas notas pode ser organizado para comporem o sistema de análise, inclusive o relatório final da pesquisa (tese ou dissertação).

As pesquisas quantitativas e qualitativas oferecem perspectivas diferentes ao estudar o fenômeno, mas não são necessariamente pólos opostos, elas podem ser complementos. Os elementos de ambas as abordagens podem ser usados conjuntamente em estudos mistos, para fornecer mais informações do que se utilizasse um dos métodos isoladamente, quantificar ou qualificar é uma opção do pesquisador, que irá fazer uso de uma linguagem que responda ao tema e problema estudado, conforme defende Minayo

(2008, 2005). Porém, é preciso que o pesquisador saiba trabalhar com estas abordagens para não ocorrer confusões metodológicas que comprometam a qualidade da pesquisa.

V – Métodos de Observação

Na prática em pesquisa é relevante que o pesquisador saiba conduzir os métodos de observação que irá usar com seriedade e respeito ao observado, pois a relação deve ser dual, dialógica e ética.

Por método pode-se entender como o “caminho a ser seguido”, é a meta a ser atingida, é a maneira pela qual os conhecimentos são construídos na ciência, conforme aponta Turato (2003). Para Minayo e Sanches (1993) o conhecimento científico é uma busca de articulação entre uma teoria e a realidade empírica, o método é o ‘fio condutor’ para essa articulação.

Dessa relevância do método, entendido não apenas como técnicas, mas como o arcabouço teórico e metodológico que embasam a pesquisa é que decorre a preocupação com a seriedade e respeito ao sujeito e às técnicas utilizadas no trabalho de campo da pesquisa.

Estabelecer um caminho para seguir é uma tarefa do pesquisador durante todo o empreendimento de pesquisa, não somente quando vai a campo, porque pesquisar é uma aventura rumo ao conhecimento, que é construído gradativamente desde a elaboração de um projeto de pesquisa até os apontamentos e considerações finais da mesma.

Entre os vários métodos de observação na pesquisa qualitativa em psicologia há a pesquisa-ação/intervenção, a observação ou pesquisa participante e etnográfica, as observações ou pesquisas clínicas entre outras, que envolvem pessoas e instituições favorecendo ao pesquisador a oportunidade de múltiplos olhares.

A pesquisa-participante apresenta em seu histórico uma vinculação com os movimentos sociais populares e a proposta de emancipação, elas surgiram para contrapor os sistemas sócio-políticos dominante na América Latina. Na Europa e Estados Unidos Kurtin Lewin e outros cientistas sociais inauguraram essa prática dirigindo uma compreensão mais dinâmica, integrada e operativa do campo social ao estudarem os grupos, outros estudiosos a relacionaram aos trabalhos de Karl Marx sobre a sociedade, como demonstra Brandão (2006).

Apresenta-se como uma alternativa de “ação participante” que contempla os agentes sociais como sujeitos críticos e transformadores das realidades através de

articulação de ações nas comunidades. Ela também é um instrumento científico no qual há a construção e partilha de conhecimentos dessa realidade na qual foi desenvolvida.

Essa modalidade de pesquisa favorece a construção de conhecimento científico a partir de propostas e conhecimentos populares, uma relação de proximidade e valorização do outro, privilegiando a relação dialógica e a educação, além de subsídios para a elaboração de políticas públicas voltadas para a promoção de saúde e educação.

A pesquisa participante pode ser utilizada no cenário da clínica psicológica, porque privilegia a relação dual e dialógica que corroboram na construção de conhecimentos e práticas que favorecem o bem estar ao propor as reflexões sobre o sistema de saúde mental e o sistema de saúde em geral.

Ainda, no cenário da formação em psicologia em nível superior, essa modalidade de pesquisa pode ser integrada nas supervisões de estágios clínicos e não clínicos. Nas supervisões de estágio em psicologia clínica ela favorece a construção de um conhecimento científico a partir da realidade do estudante/estagiário, de seu supervisor e do cliente que é atendido na clínica psicológica quando o aluno traz o caso para a supervisão.

Essa forma de supervisão colabora para a construção de conhecimentos acerca do cotidiano e da práxis psicológica, e, amplia a relação de ensino-aprendizagem, é uma prática que contempla o ensino, a extensão e a pesquisa numa atividade didático-terapêutica e dialógica que respeita os saberes advindos do cotidiano e que contraria a educação bancária e o “aplicativismo” de teorias psicológicas no contexto clínico, que ocorre quando não há reflexão e leitura das relações que são estabelecidas (VIEIRA FILHO, 1999). Além disso, podem ocasionar o compromisso e o envolvimento das pessoas nas atividades propostas, além de uma aprendizagem mais ampla ao aluno em formação.

Essas pesquisas participantes no contexto universitário favorecem a multiplicidade de olhares sobre o fenômeno estudado e a participação ativa dos sujeitos envolvidos, valorizando as experiências vivenciadas no dia-a-dia das comunidades, das sessões psicoterapêuticas e das instituições e contextos nas quais são desenvolvidas.

A pesquisa participante pode também ser desenvolvida nas comunidades, outro contexto em que múltiplos saberes podem ser desvelados e compreendidos. Nesses locais podem ser utilizados estudos etnográficos, pois eles designam o conjunto de procedimentos metodológicos de atuação no campo e o definem como um local com qualidade de tratamento empírico e científico. Na situação de campo o pesquisador

precisa esforçar-se para a compreensão mútua das diversas temáticas, o que o faz aprofundar os modos de pensar, sentir e agir (cognição e emoção) de si mesmo e do outro que se apresenta em seu cotidiano, ampliando a perspectiva de visualizar e compreender na perspectiva científica.

Schmidt (2006) defende a pesquisa participante e etnográfica como um caminho para o aprofundamento metodológico e democrático do saber por ser uma possibilidade de reflexão do conhecimento oferecendo sentido e alteridade aos sujeitos envolvidos.

A etnografia auxilia na compreensão das subjetividades da população que participa do estudo, pois conhecer a visão de mundo, os valores culturais e os sentidos construídos são de grande valia na abordagem qualitativa e nas práticas de intervenção que a pesquisa pode apontar.

Outra forma de realizar a pesquisa no enfoque qualitativo é a pesquisa clínica, uma nova orientação para a pesquisa em ciências humanas, é uma prática especializada na intervenção junto a outras pessoas ou grupos, consiste no fazer pesquisa concomitantemente ao “cuidar do outro”, como defende Lévy (2001).

Para a elaboração de um projeto nessa perspectiva é primordial que o pesquisador saiba seu local para se estabelecer momentos de processo clínico e momentos da pesquisa, no qual se pode incluir o setting terapêutico e o setting da pesquisa (o enquadramento, o contrato de comunicação numa perspectiva dialógica, a enquete clínica e as análises, conforme a metodologia utilizada). Ao estabelecer o setting de pesquisa e de intervenção terapêutica busca-se o respeito ao cliente/paciente/sujeito da pesquisa, aos métodos empregados e a abordagem teórica utilizada, o que demonstra a habilidade e responsabilidade do pesquisador (LÉVY, 2001)

Nessa modalidade de pesquisa encontram-se as práticas interventivas, isto é, o pesquisador pode favorecer o cuidado ao outro através de uma intervenção dinâmica que favorece a evolução e o desenvolvimento em áreas afetivo-relacional, cognitiva, social associadas ao conhecimento científico. A pesquisa clínica pode contribuir ainda, para a compreensão do sujeito enquanto possuidor de subjetividade que se constrói e é revelada nos momentos da pesquisa que ocorre paralela ao atendimento ou intervenção clínica. Assim essa modalidade qualitativa pode enriquecer as concepções acerca do homem e da sociedade e também promover saúde e bem-estar não dissociando a ciência da práxis cotidiana do profissional.

A pesquisa ação é outra maneira de conciliar a práxis cotidiana ao saber científico, de forma a valorizar o conhecimento dos atores sociais, ela pode ser desenvolvida em diversos ambientes e também promover a saúde mental, pois integra o fazer da pesquisa à ação de profissionais e pessoas envolvidas em instituições.

Essa modalidade pode favorecer a difusão dos conhecimentos produzidos na conscientização e sensibilização dos atores sociais quanto às necessidades de mudanças ao articular projetos de intervenção à pesquisa científica. Esses projetos de intervenção são moldados a partir das falas dos sujeitos participantes da pesquisa e visam melhorar a qualidade de vida dessas pessoas.

Diuna e colaboradores (2008) demonstraram esses aspectos na pesquisa realizada em prisões do Rio de Janeiro, articulando a teoria científica ao saber produzido no ambiente das prisões. Pode-se resignificar as vivências dos atores sociais daquele contexto e contribuir para a promoção de saúde, entendida como um processo bio-psico-social.

As pesquisas qualitativas contemplam a subjetividade do ser humano (em sua complexidade e integralidade), como defende González Rey (2002). Pensar a subjetividade na psicologia faz-se primordial porque o ser humano se constitui por meio de suas histórias e experiências de vida, que na pesquisa são reveladas ao pesquisador que trabalhará com os dados tecendo as significações encontradas na relação estabelecida entre si e o sujeito, ou entre o observador e o observado, ampliando o arcabouço da psicologia e das metodologias científicas que se fazem através da leitura do cotidiano e da práxis reflexiva.

VI - Conclusões

A ciência é o conhecimento organizado da realidade por meio da metodologia científica. Ela se constrói a partir das experiências do cotidiano, das subjetividades e com a valorização das relações humanas comunicativas e dialógicas que ocorrem na prática de pesquisas.

A pesquisa em psicologia realizada com responsabilidade e cientificidade pode retomar a criatividade do conhecimento sem fragmentar o homem, o seu principal objeto de estudo utilizando-se da metodologia científica sem reduzi-la a técnicas, pensando-a em sua epistemologia e processo de teorização para a construção do conhecimento sobre o mundo e o homem.

Valorizar o ser humano em suas dimensões biológicas, psíquicas, culturais, históricas e sociais na pesquisa em psicologia demonstra um compromisso ético com a ciência e com a sociedade, pois o conhecimento deve propiciar a compreensão da realidade e servir também para melhorá-la.

A dimensão da ética e da responsabilidade na pesquisa é decorrente de uma postura do pesquisador que consegue visualizar a ciência como um caminho para o conhecimento e a metodologia científica como uma aliada na pesquisa e não como um conjunto de normas e técnicas que são dissociadas da realidade e que cristalizam e solidificam o agir do pesquisador.

Através dessa compreensão e leitura do mundo social é possível a implementação de políticas públicas e programas de intervenção na promoção de saúde para a população, que muitas vezes é marginalizada pelas condições sócio-econômicas e culturais da realidade em que se encontra inserida.

Fazer ciência significa inovar, ir além do esperado, usar a ousadia para construir significados, subjetividades, relacionamentos e pesquisa. O pesquisador que possui uma visão ampla da realidade pode com seu fazer científico mudanças nas mentalidades que emergem das pesquisas e da relação libertadora que o conhecimento pode propiciar.

Assim, a prática de pesquisa é uma aventura pelo mar desconhecido, é uma descoberta de possibilidades, é o uso da racionalidade associada à sensibilidade, precisa ser um fazer consciente que construa conhecimentos e desenvolvimento para o ser humano e a metodologia de pesquisa pode ser o caminho que norteia o pesquisador/navegador pela aventura do conhecimento e fornece subsídios para essa viagem.

VII - Referências:

BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (Orgs.) **Pesquisa participante**: a partilha do saber. Aparecida/SP: Idéias e Letras, 2006, p.21-54.

DIUANA, V.; LHUILIER, D. et all. **Saúde em prisões**: representações e práticas dos agentes de segurança penitenciária no Rio de Janeiro, Brasil. In: Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, (24): XXX-XXX,xxx, 2008, p. 105-114.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002, p. 53-93.

LÉVY, A. **Ciências clínicas e organizações sociais** – sentido e crise de sentido. Belo Horizonte: Autêntica/FUMEC, 2001, p. 79-100.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 39-297.

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

MINAYO, M.C.S. e SANCHES, O. **Quantitativo – Qualitativo: Oposição ou Complementaridade**. Cad. Saúde Públ. Rio de Janeiro, 9 (3): p. 239-248, jul/sep, 1993 [on line]. Disponível em: www.scribd.com. Acesso em: 13/09/2009.

SCHMIDT, M. L. S. **Pesquisa participante**: alteridade e comunidades interpretativas. In: Psicologia USP, 17 (2), 2006 p. 11-41.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003, p. 149-359.

VIEIRA FILHO, N. G. **Da crítica ao “aplicativismo” à pesquisa participante em clínica psicológica**. In: Interações, vol. 4, nº 7, na/jun, 1999, PP. 99-113.



Recebido em 4/4/2009

Aceito em 20/6/2009.